

Rancho a caminho da Roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular

Por Edla Eggert*

Resumo:

A partir de pesquisa empírica junto a mulheres pomeranas trabalhadoras rurais na cidade de São Lorenzo, RS, o texto trata das relações entre Igreja, teologia e educação popular, destacando aspectos envolvendo a saúde, especialmente a prática da benzedura e da fitoterapia, realidades comuns do cotidiano das mulheres.

Palavras-chave:

mulheres pomeranas, educação popular, medicina alternativa, benzedura.

1. A escola, a igreja e o rancho a caminho da roça**

A imagem do rancho a caminho da roça me é familiar. É símbolo de tantas gratas recordações do pai e da mãe, das irmãs e do irmão descansando perto da gente em dia de chuva ou de sol muito quente; conversa fiada. Imaginação à solta, pincel e óleo queimado eram instrumentos do fazer criativo nas tábuas daquele rancho. Eram instrumentos de trabalho misturados a adubo e calcário, garrafa de água, de café com leite, sacola com pão, um radinho de pilha.

Para Leonídeo Gaede e Danilo Streck, o rancho na roça pode ser uma das melhores imagens do que seja o específico da Igreja¹. Lugar para conversar,

* Edla Eggert é professora do Centro de Ciências Humanas e do Curso de Pós-Graduação em Educação da Unisinos, de São Leopoldo, RS. Mestre em Educação pela UFRGS e doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia, EST – São Leopoldo, RS.

** Dedico esse texto para as pessoas camponesas (“Bauer”) que, de uma forma ou de outra, foram empurradas para além-mar onde encontraram outros amores.

¹ O dono desta comparação da Igreja com o rancho na roça enquanto passagem é Leonídeo GAEDE, *A igreja e o vento: documento para estudo*. Consulta Nacional sobre Missão : 1993. (manuscrito).

descansar; onde aparentemente não acontece nada - mas sem o rancho, como seguir trabalhando na roça?

A Igreja e a Escola como sinônimo de passagem, eis o estranhamento. A imagem nesta comparação exige imaginação. O espaço da Igreja/Escola vivenciado de diversas maneiras, mas sempre possibilitando a idéia de passagem. Quantas vezes aprendemos a Igreja e a escola como sendo um lugar fixo, ponto de chegada. A metáfora do rancho sintetiza o que também a Igreja não pode ser, um depósito da fé. Ela deve ser facilitadora de espaços. De espaço(s) limítrofe(s) entre ruptura e continuidade, entre a utopia e o lugar, espaços nos quais “a fé organiza a esperança, onde se celebra a insurgência dos poderes na fraqueza”².

A leveza do espaço sempre meio improvisado, de passagem, seria uma possibilidade de ser rancho-Igreja/rancho-Escola no caminho da roça. Não preencher demais este rancho com o trabalho da lavoura deve ser o segredo. O mais importante é fazer do rancho passagem para a lavoura. Este é o sentido que desejo trazer com o presente texto, baseado em uma pesquisa de campo realizada com mulheres pomeranas dos municípios de São Lourenço e Canguçu, no sul do Rio Grande do Sul, lideranças comunitárias da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).

Ao ouvir os relatos das mulheres entrevistadas, fui compondo um quadro numa moldura pouco convencional, onde a Igreja tão bem delimitada pelo saber de pastores e pastoras representantes de uma dogmática teológica vai sendo contada sob outras perspectivas. É uma igreja construída com alternativas teológicas ainda não suficientemente vislumbradas, pois tudo isso se compõe num campo onde a educação popular acontece pressionando o saber formal instituído com o saber denominado “informal”, não reconhecido, muito presente no mundo das mulheres.

² Vitor WESTHELLE, Missão e poder, p. 192. In: *Estudos Teológicos*, v. 31, n. 2. São Leopoldo : EST, 1991. P. 183-192.

Alguns dos inúmeros elementos dessa sutil cumplicidade do saber teológico e educacional das mulheres estão relatados abaixo.

2. Situando o contexto das mulheres pomeranas entrevistadas

A realidade da região em que as mulheres vivem possui características muito próprias. São Lourenço do Sul e Canguçu fazem parte do sul do Estado do Rio Grande do Sul, região historicamente negligenciada pelo poder público. A realidade de empobrecimento da população em geral e das comunidades atendidas pela IECLB é cada vez maior. Atualmente, o empobrecimento dos pomeranos começa a refletir-se na venda de suas terras e na vinda para a cidade. As propriedades estão sendo vendidas para serem transformadas em chácaras de lazer. As constantes mudanças de políticas agrícolas que vêm ocorrendo nos diferentes governos dos últimos tempos facilitam, em muito, a perda dos referenciais históricos e culturais³.

As escolas foram e seguem sendo muito importantes para as comunidades da região, constituindo-se um dos principais motivos da organização das comunidades pomeranas. A história mostra que junto a elas faziam-se as celebrações, geralmente realizadas por um professor escolhido pela comunidade, que se baseava em livros, bíblias e hinários em língua alemã trazidos do além-mar.

A Igreja também ocupou e ocupa um lugar central na organização das comunidades. Pouco atendida pelo poder público quanto ao envio de pastores, houve, nesta região, o maior número de pseudopastores, pastores-colonos ou pastores livres, como eram chamados⁴. Esta realidade repercute ainda hoje dentro das comunidades luteranas organizadas na região do sul do Estado, pois a origem e

³ Giancarla SALAMONI, *Valores culturais da família de origem pomerana no Rio Grande do Sul - Pelotas e São Lourenço do Sul*, p. 33. Pelotas: Universitária, 1995.

⁴ Joachim FISCHER, *A luta contra os pastores-colonos no Rio Grande do Sul no século XIX*, p. 39. In Joachim FISCHER (org.), *Ensaio luteranos: dos primórdios aos tempos atuais do luteranismo no Brasil*. São Leopoldo: Sinodal, 1986.

manutenção das comunidades livres são um exemplo de resistência e organização popular. Muitas das pessoas participantes das comunidades evangélicas luteranas possuem, na origem da família, alguém que já foi ligado a uma comunidade livre.

A partir da forte organização das comunidades livres na região do sul do Rio Grande do Sul podem-se fazer algumas conjecturas, especialmente sobre a grande aceitação de um trabalho como o do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor - CAPA, que conseguiu estabelecer uma relação de confiança e respeito com as comunidades que atende. Os grupos de saúde, dos quais participam mulheres, organizados com a parceria das comunidades luteranas, saem do modelo tradicional de atendimento assistencial e constroem, pelo menos até os dias de hoje, uma nova compreensão de grupo de mulheres. Estes grupos não estão somente vinculados à confessionalidade luterana, mas ao desejo de prevenção de doença em todos os sentidos. Será que esta abertura foi também proporcionada pela trajetória que esta população tem inscrita em sua história? Ou seja, não está ligada tão fortemente a uma estrutura eclesial instituída, mas sim às necessidades que prevalecem em sua realidade.

O trabalho é salientado por todos os pesquisadores como grande qualidade do povo pomerano. Destaco, em especial, o trabalho das mulheres, proporcionando uma sobrecarga de trabalho injusta e que, ao meu ver, só facilita o desencadeamento de doenças nervosas, o estresse e o cansaço físico em geral. Era comum ouvir as mulheres que encontrei nos cursos e encontros dizerem que elas “só” fazem o serviço da casa. Com o tempo fui compreendendo que o serviço da casa implica todo o trabalho dentro e ao redor da casa.

3. A benzedura: forma de retornar ao passado ou reconstruir um saber oprimido?

Antes disso se tentou, eu não tenho vergonha de dizer, ir nas benzeduras. No momento ajudava porque a benzedura, além de fazer as benzeduras, ela dizia:

Toma esse chá ou faz gargarejo. Só que aquilo foi muito pouco, até porque esta benzedeira morava muito longe. (Nair)

Sobre as benzeduras, como promotora de saúde, eu não digo nada. Tem uma vizinha que leva o guri, que é chorão sempre para benzer. Eu não digo nada, não falo contra a pessoa, porque é a crença dela e parece que tu tira alguma coisa do chão quando tu fala contra, então deixo ela se iludir. Não é que deixo ela se iludir... Eu digo o que a mãe sempre dizia, quando a Camila chorava muito todo mundo dizia para levar para benzer: “que nem a Ane e o Paulo muito chorões”. E todo mundo dizia que tinha que levar para benzer e a mãe e a avó levavam nós sempre para benzer, nunca ajudou. Mesma coisa o mau olhado, levar para benzer e nunca ajudou, nós continuava berrando igual. Isso que ela diz eu tiro como base, eu nunca levei a Camila para benzer. Quando eu era um pouquinho maior, o pai me levou para benzer porque eu tinha umas feridas na boca e secou tudo. O pai levou, mas ela ficou sabendo na hora. A benzedeira benzeu com aquelas arrudas, aquelas coisas e no outro dia estava seco. Secou na hora, foi embora na hora. No outro dia, estava seco. É incrível mesmo... (Ane Rose)

Na medicina popular, dentro da compreensão de André Droogers, a benzedura conhecida pelos pomeranos do Espírito Santo foi ampliada com os contatos com outras culturas, em especial, com “os brasileiros”⁵. Em geral, as benzedeadas conhecem muitos tipos de plantas medicinais e preparos de chás, além das rezas. Nair aponta esta realidade e a considera um ponto positivo. Ao que parece, “mostrar o outro lado,” como diz Nair, é um jeito de cooptar o que está aí para ser explicado e inscrito num mundo aceitável. “Não digo nada, não falo contra a pessoa, porque é a crença dela e parece que tu tira alguma coisa do chão quando tu fala contra, deixo ela se iludir,” diz Ane. Para Droogers, não é fácil identificar o quanto a medicina popular é menos usada hoje do que nos tempos em que os

⁵ Brasileiros é uma expressão usada pelos pomeranos conforme observação de André DROOGERS, *Religiosidade popular luterana*. São Leopoldo: Sinodal, 1984. Também ouvi esta distinção na região em que pesquisei.

pastores alemães condenavam explicitamente os membros das suas comunidades por usarem desses conhecimentos⁶. Já pastores e pastoras atuais não se posicionam da mesma forma. Segundo Droogers, alguns agentes do sagrado negam o fenômeno e não se posicionam, uns criticam, mas de forma mais branda, outros procuram uma atitude mais construtiva, na tentativa de entender a medicina popular na sua origem⁷. Numa das conversas com Nair sobre seus avós e bisavós, ela me relatou que sua avó materna era descendente indígena. Brincando, ela me disse: “Quem sabe é por isso que estou nessa pajelança”. Entender a medicina popular é entender a religiosidade popular, enfim, as raízes que fizeram o povo pomerano no século XII silenciar frente ao cristianismo católico e, depois, protestante; suas devoções à natureza; suas divindades.

Joana Bahia, que pesquisou os pomeranos do Espírito Santo, observa que “o repertório das práticas de caráter medicinal é transmitido pelas mulheres por várias gerações. Em cada família se produzem práticas medicinais simples, baseadas numa farmacopéia popular”⁸. Tudo isso muito ligado a rezas e rituais que confirmam o sincretismo vivido em terras brasileiras, reafirmando práticas do além-mar que a teologia oficial tentou silenciar, mas não por muito tempo. Esses resgates seguem acontecendo e, dessa forma, conhecimentos vêm à tona através de histórias que são contadas.

Não percebi em nenhum momento, talvez por não ser pastora, qualquer sentimento de culpa nestas mulheres por terem procurado benzedeadas, ou admitirem que, por curiosidade, conheceram ou gostariam de conhecer outras experiências relacionadas à religiosidade ou a questões como prever o futuro através de leitura de cartas, por exemplo.

⁶ André DROOGERS, *op. cit.*, p. 65.

⁷ Não foi minha preocupação fazer um estudo sobre o tema, mas valeria a pena resgatar as preocupações do pesquisador André DROOGERS na região sul do Estado do Rio Grande do Sul, dada a grande mistura de culturas.

⁸ Joana BAHIA, *O tiro da bruxa: identidade, magia e religião entre camponeses pomeranos*, p. 277. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2000.

Hermann Brandt atualiza nossa discussão afirmando a importância do sincretismo pelo fato de ele poder ser identificado dentro da igreja, e não mais fora dela. Parece haver, por parte de tudo que é instituído, a idéia de que o sincretismo precisa ser isolado, neutralizado, como se faz com a lepra. No entanto, “uma religião só pode permanecer viva se acolhe elementos que, originalmente, lhe são estranhos, os incorpora e os ‘digere’. Ela faz isso acolhendo o que corresponde à sua própria identidade e eliminando o que lhe é indigesto”⁹. É assim com toda e qualquer aprendizagem: uma desterritorialização, uma simulação e novamente uma territorialização.

4. As aprendizagens que a escola não viu

Assim vou levando a minha vida, trabalhando na lavoura, fazendo o serviço de casa, cuidando das filhas, trabalhando na horta, cuidando dos animais, tiro leite e também faço o preparo da multimistura. Trabalho com remédios caseiros e estou liderando o grupo de saúde aqui da nossa comunidade. Gostaria muito de continuar a participar mesmo sendo bastante difícil sair de casa para fazer cursos, participar de reuniões de planejamento e outros, mas vou fazer algum esforço. Assim também fiquei muito contente com a sua participação, Edla, junto conosco, com as suas entrevistas. Dá mais coragem... E também, muitas vezes, com essa história da minha vida acho muito importante esse registro, pois daqui em diante gostaria de continuar anotando a minha vida e também a vida de minha família, pois muito é esquecido, e assim fica registrado. (Alzira)

A multimistura de fazer tudo ao mesmo tempo vai ensinando modos de resistir na roda-vida dos impedimentos. Assim a escola, nem sempre aberta ao que se pode aprender, vai proporcionando outras aprendizagens.

⁹ Hermann BRANDT, Teologia contextual como sincretismo?, p. 109. *Estudos Teológicos*, v. 27, n. 2. São Leopoldo: EST, 1987.

Agora eu estou vivendo mais a política, porque estou participando do Conselho Municipal de Saúde. Do Conselho Municipal de Assistência Social eu já participei. Sexta-feira eu participei da Conferência de Assistentes Sociais, mas vi horrores e me apavorei. Disse até para Nair que eu não imaginava que a política era assim. Eu vi num debate que eu fui, porque nunca tinha ido numa conferência com debate, e é só política. (Eva)

A política aprendida pelas mulheres como algo incompreensível, beirando a sujeira, sempre relacionada com o público e com as negociações aparentemente do mundo masculino vai sendo desmistificada à medida que a participação força outras maneiras de perceber as relações de poder. Todas as entrevistadas detectam, em maior ou menor grau, suas habilidades sendo desenvolvidas nos pequenos embates com a comunidade.

Hoje temos seis pequenas farmácias montadas no interior. Que são montadas com remédios básicos. Também uma coisa interessante: quando começamos a montar as farmácias no interior, fomos questionadas: “Como é que vocês podem fazer isso? Vocês têm uma formação para isso?” Era o pessoal da Secretaria da Saúde. Alguns médicos questionavam, enfermeiros, outras pessoas também questionavam. Um pouco eram curiosos, um pouco duvidando deste trabalho. Os médicos, o pessoal da saúde do município questionavam. Como é que nós podíamos receitar remédios e até fazer os remédios. Nós simplesmente tínhamos certo conhecimento na área de plantas medicinais. Se a gente dizia que tinha feito um curso numa faculdade, eles respeitavam mais. Mas agora esse pessoal tá incentivando o trabalho porque não desistimos, a gente não teve medo. Até quando víamos que a coisa não era para a gente dizíamos: “Olha, isso não é para nós, vocês vão ter que procurar outras pessoas.” O trabalho tá sendo reconhecido a nível de município também. Estão usando isso a partir de uma experiência do CAPA. Estamos fazendo o trabalho mais na área da formação. O CAPA também incentivou e investiu na minha formação para poder me atualizar cada vez mais. (Islair)

O reconhecimento desses espaços públicos de aprendizagens onde a educação pode acontecer para além das salas de aula foi desafio constante nas parcerias que essas mulheres aprenderam. As narrativas nos levam a um entendimento sobre o que foi sendo aprendido e marcado como único e sem perspectivas de mudança para uma réstia de bom senso aprendida na confrontação com o inusitado oferecido, às vezes, por cursos, às vezes por meio da fala de alguém próximo ou desconhecido; enfim, *interferências*, como diria Deleuze¹⁰. A marca pedagógica oferece construções de permanência ou de mudança; depende do momento em que se encontra a pessoa.

O tratamento para febre reumática com reumatismo no sangue foi com a tintura do chapéu de couro e tintura de própolis. Diariamente, por três meses. E alimentação balanceada, pouca proteína, quase nada, e muitos sais minerais, bastante líquido e verduras cruas. Antes eu não tinha esse costume, esse hábito de comer verduras cruas. Os farelos e a multimistura alternativa. Isso ajudou muito, aprendi isso nos cursos: o que tenho que comer para que meu rim funcione melhor? Foi ajudando. Eu mesma sentia, na carne, percebia e observava. Comecei a observar o meu próprio organismo. (Nair)

De uma dada situação constrói-se o inédito-viável de Freire, consequência das *situações-limites* analisadas por ele como desencadeadoras de todo processo de busca do aprender, do enfrentar e superar um problema¹¹.

Homens e mulheres reagem de várias formas frente às *situações-limites*: acreditam não poder enfrentar o limite; não o querem enfrentar ou o encaram como algo que existe, precisa ser enfrentado e buscam formas de fazê-lo. Quando uma situação-limite é percebida criticamente, como neste último caso, há um distanciamento daquilo que incomodava e a admissão de que existe um problema

¹⁰ Gilles DELEUZE, *Conversações*. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1992.

¹¹ Estes dois conceitos são detalhadamente analisados pela revisora das notas, Ana Maria Freire. Cf. Paulo FREIRE, *Pedagogia da esperança. um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

percebido-destacado que passa a ser o *tema-problema* encarado, discutido e superado, descobrindo, assim, o *inérito-viável*.¹²

E nesse movimento a *marca pedagógica* se inscreve como possibilidade da transformação. Entendo a *marca pedagógica* no movimento do que Freire apontava para o tema gerador, mas numa conotação ainda mais voltada para o que se aprende e fica instituído como verdade e só se “desaprende” quando desconstruído por uma narrativa que possibilite visualizar a situação-limite em que se vive. No caso da vida das mulheres entrevistadas, pude constatar, por diversas vezes, esses impasses geradores de novas percepções de si. Também o processo de investigação gera essa aprendizagem, quando nos permitimos pensar o porquê das escolhas, dos temas, dos problemas a serem pesquisados.

Esse perceber-se sujeito possível de elaborar uma mudança - pois “mudar é difícil, mas é possível”, segundo Freire¹³ - possibilita uma nova marca pedagógica. Assim, o processo do estar a caminho, passando pelo “rancho a caminho da roça” - leia-se igreja/escola (ou qualquer outra instituição) - traz outros ares em nosso modo de conviver nesse mundo.

¹² Edla EGGERT, *Educa-teologiza-ção : fragmentos de um discurso teológico (mulheres em busca de visibilidade através da narrativa transcrita)*, p. 34. (Tese de Doutorado). São Leopoldo: EST, 1998.

¹³ Paulo Freire, *Pedagogia da indignação*. São Paulo : UNESP, 2000.